

ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA: CELESTINO ALVES E A ESCRITA DA HISTÓRIA LOCAL

Fabiana Alves Dantas

Universidade Federal da Paraíba

E-mail: fabiana.dantas03@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta considerações em relação à análise, que se encontra em curso, da obra de Celestino Alves (06/04/1929 – 10/12/1991). A referida pesquisa objetiva investigar as concepções de história e memória deste autor, que se dedicou à produção escrita sobre a História Local no contexto de Currais Novos/RN, durante a década de 1980. Para isso, analisa seus livros *Retoques da História de Currais Novos* (1985), *Vaqueiros e Vaquejadas* (1986) e *Matutos e Tropeiros* (1989). Utiliza a metodologia baseada no conceito de “operação historiográfica” (CERTEAU, 1982), investigando o lugar social do autor, suas apropriações das fontes e operações metodológicas, além da elaboração de sua escrita. O texto apresenta os elementos identificados até o momento no que concerne às concepções de história e memória implícitas nos livros analisados, elementos esses que evidenciam a complexidade da compreensão do autor em relação a ambos os conceitos.

Palavras-chave: História. Memória. História Local.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A discussão que compõe o presente texto refere-se à análise de *Retoques da História de Currais Novos* (1985), *Vaqueiros e Vaquejadas* (1986) e *Matutos e Tropeiros* (1989), livros produzidos por Celestino Alves (Currais Novos-RN, 06/04/1929 – 10/12/1991) e que discutem aspectos da história do município de Currais Novos/RN. Esta análise, que se encontra em andamento, constitui o trabalho de dissertação de mestrado da autora, tendo como propósito identificar as noções de história e memória que norteiam a escrita deste autor que, mesmo não se tratando de um historiador acadêmico, se propôs a realizar tal produção acerca da História Local. Esta

abordagem é aqui compreendida conforme o conceito elaborado por Pierre Goubert (1988):

“Denominaremos história local aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local), ou a uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum (como um *county* inglês, um *contado* italiano, uma *Land* alemã, uma *bailiwick* ou *pays* francês). Praticada há tempos atrás com cuidado, zelo, e até orgulho, a história local foi mais tarde desprezada — principalmente nos séculos XIX e primeira metade do XX — pelos partidários da história geral. A partir, porém, da metade desse século, a história local ressurgiu e adquiriu novo significado; na verdade, alguns chegam a afirmar que somente a história local pode ser autêntica e fundamentada.” (GOUBERT, 1988, p. 70)

O assunto em questão, portanto, se situa no contexto das preocupações acadêmicas com relação à historiografia referente a esta abordagem, focando especialmente nas produções de autores desvinculados da história produzida no âmbito acadêmico. Em muitos trabalhos sobre o tema, é possível verificar o uso do termo “memorialistas” para designá-los – a exemplo: Domingues (2008); Santos (2009); e Rovaron (2006) –, o que se justifica, conforme Donner (2012), pelo fato de que seria habitual em suas escritas uma confusão entre História e memória, onde se gerariam textos mais memorialísticos que propriamente historiográficos. Todavia, ressalta-se que este trabalho propõe utilizar o termo “historiador não acadêmico” ou “diletaante” para referir-se ao autor discutido, uma vez que suas concepções em relação a esses conceitos estão sendo analisadas, acreditando-se, em razão disso, não ser possível inferir previamente que ele os confunde.

As reflexões acima descritas dialogam com a noção de que se história e memória “tiveram, de saída, um projeto comum, suas relações efetivas foram complexas, mutáveis e conflitantes” (HARTOG, 2011, p. 26). Desse ponto de partida emerge a problemática que norteia a presente análise: estaria Celestino Alves entre esses autores que confundem ambos os conceitos? Sua escrita demonstra a existência dessa dificuldade em distingui-los? Ressalta-se que a revisão de literatura demonstrou a inexistência de pesquisas sobre a produção escrita deste autor, especialmente no que diz respeito à problemática aqui posta. Assim, o estudo objetiva preencher esta lacuna.

Para responder ao questionamento central da pesquisa, opera-se com a metodologia baseada na noção de Michel de Certeau (1982) quanto à “operação historiográfica”, considerando-se a escrita da história uma prática que, por ser realizada por pessoas, não é imune a influências. Assim, o autor menciona os três elementos que, combinados, compõem a prática historiográfica: as influências do lugar social do pesquisador, seus procedimentos de análise, além da elaboração de sua escrita. Desse modo, o percurso metodológico traçado para este estudo perpassa pela análise de tais elementos. É importante ressaltar que, mesmo não sendo Alves um pesquisador ligado à história produzida no meio acadêmico, ele é aqui considerado um produtor de História Local no sentido mencionado por Neves (1997), dada sua intenção em produzir um conhecimento histórico. Portanto, justifica-se com isso a intenção de analisar seu exercício de produção escrita a partir de seu lugar social, bem como de sua apropriação das fontes e operações metodológicas, problematizando os usos da memória na elaboração discursiva das obras. Quanto às fontes consultadas, além dos já mencionados livros, também são analisados exemplares dos jornais impressos *Diário de Natal* e *O Poti* datados da década de 1980, com a finalidade de investigar a repercussão da obra, bem como de obter informações acerca do escritor.

Diante da impossibilidade de apresentar conclusões definitivas, dado o estágio atual da pesquisa, o texto traz algumas informações sobre Celestino Alves e os livros analisados, além das primeiras reflexões a partir das fontes consultadas quanto às concepções de história e memória na obra deste autor.

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O AUTOR

As informações obtidas até o momento, encontradas tanto dos exemplares dos jornais consultados quanto nas próprias afirmações do autor em suas obras, possibilitam fazer algumas constatações sobre a pessoa de Celestino Alves. Em *Retosques da História de Currais Novos*, menciona ter nascido em 06 de Abril de 1929 na Fazenda Namorados (zona rural de Currais Novos), sendo filho de Tomaz Alves dos Santos e Francisca Maria de Jesus. Mudou-se duas vezes, residindo temporariamente na cidade de Açú/RN e, posteriormente, em Brasília/DF, onde, segundo o jornal *Diário de Natal*, possuía uma

construtora. Retornou à Currais Novos em 1984, onde permaneceu até sua morte, em 1991.

Conforme constatado nas fontes jornalísticas, Celestino Alves foi vereador em Currais Novos antes de se mudar para a capital do país. Quatro anos após retornar ao município, foi candidato ao cargo novamente, pelo partido PDS. As notícias a partir do retorno à terra natal comentam com frequência sua participação ativa em atividades culturais, havendo também a menção aos livros que lançou. Há também a constatação da existência de um vínculo do autor com nomes importantes do município e também do estado como indica, a exemplo, uma notícia que menciona a troca de correspondência entre ele e o escritor Veríssimo de Melo. São verificados indícios também nos prefácios das obras, estes assinados pelo governador Cortez Pereira (em *Retoques da História de Currais Novos*) e por Olavo Medeiros Filho (em *Matutos e Tropeiros e Vaqueiros e Vaquejadas*). Há ainda o fato importante de a publicação de *Matutos e Tropeiros* ter se dado através da Gráfica do Senado por intermédio dos senadores José Agripino Maia e Lavosier Maia Sobrinho, a quem Alves atribui, por tal colaboração, “elevado espírito patriótico e cultural” (ALVES, 1989, p. 166). O fato de a prefeitura ter arcado com parte das despesas relacionadas à publicação de *Retoques da História de Currais Novos*, cujo lançamento, por sinal, teve um notório destaque na imprensa, também parece ser bastante significativo nesse sentido, sendo interessante observar que não deixou de haver na obra um espaço dedicado a alguns elogios para o então prefeito do município:

“Ao prefeito José Dantas, que deu todo o apoio necessário para a publicação deste trabalho. Não é exagero dizer, que em toda a história de Currais Novos, está sendo ele, o prefeito mais esforçado pelo movimento cultural do Município, quer no embelezamento das festas tradicionais, quer nos eventos cívicos culturais.” (ALVES, 1985 p.10)

Nos jornais, é destacada sua atuação na vida social de Currais Novos através de eventos culturais, como por exemplo, quando coordenou o Congresso Nacional de Cantadores, promovido pela Associação de Poetas Populares do Rio Grande do Norte. Passou a dirigi-la em 1988, o que lhe rendeu comentários positivos acerca de seu empenho em angariar recursos para as atividades promovidas pela associação, chegando

a ser apresentado como o responsável pela notoriedade que a cidade estaria ganhando no que se refere aos eventos culturais.

Assim, a aparição constante em jornais de notória circulação no estado indica que Celestino Alves era uma pessoa ativa na esfera pública. Sua participação na vida social da cidade era assídua, como indica o vínculo tanto com a já mencionada Associação de Poetas Populares do Rio Grande do Norte, quanto como o fato de ser membro da Sociedade de Vaqueiros e Montadores do Seridó.

Após lançar *Retoques da História de Currais Novos*, o autor passa a ser consultado em relação a questões relacionadas à história local. Por exemplo, ao ser convidado para debater no I Simpósio sobre a história de Currais Novos, organizado pela prefeitura municipal e pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Entende-se, a partir disso, que a publicação do livro conferiu respeitabilidade à Alves, contribuindo para que fosse visto como alguém com legitimidade para falar sobre a História Local, o que pode ter lhe dado ainda mais destaque na sociedade currais-novense. Já sendo personalidade ativa no meio político e cultural da cidade, a partir de então, tornou-se também referência ao opinar sobre assuntos ligados à história do município.

Essas informações têm direcionado a pesquisa a considerar Alves um erudito, entendendo-se o termo a partir do que aponta Albuquerque Júnior (2005): um indivíduo cujo trabalho com as letras é visto como uma espécie de acréscimo de distinção para quem exerce outras atividades, comumente podendo utilizar seu discurso para legitimar a ascensão a cargos públicos, já que não desvincula sua produção da ordem dominante e do Estado. Isso faz sentido quando se observa, a partir das fontes jornalísticas, o fato de que no auge de sua popularidade no contexto local, o autor atuou como coordenador da Associação de Poetas Populares do Rio Grande do Norte, além de candidatar-se novamente a vereador.

A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA LOCAL: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE OBSERVADOS NA OBRA DE CELESTINO ALVES

Passando a tratar das fontes e operações metodológicas utilizadas por Celestino Alves, ressalta-se a nítida menção à fonte oral nos três livros que estão sendo analisados. O autor expressa o quanto valoriza os depoimentos dos “antigos”, aqueles a quem também chama de “sacrários humanos” e “anônimos guardadores da história”. Um exemplo é quando comenta: “as belas coisas guardadas nas tradições orais dão gosto de ouvir e escrever”, alegando ainda que alguém pode pensar o mesmo ao lê-las no futuro (ALVES, 1985, p.22).

Portanto, Alves demonstra considerar a memória enquanto um dado valioso para a pesquisa histórica. Isso inclui não apenas a de seus colaboradores, mas também a sua própria, onde muitos relatos pessoais são apresentados nos livros para exemplificar ou mesmo argumentar sobre os assuntos abordados. No caso de *Matutos e Tropeiros*, verifica-se uma aproximação muito nítida do autor com o assunto do livro, dada sua experiência pessoal com o ofício de “matuto” – termo que alega tratar-se de “homens que negociavam em costas de burros, levando das cidades grandes o que lá se manufaturava e se consumia nos sertões” (ALVES, 1989, p. 9) –. Suas lembranças em relação aos *Vaqueiros e Vaquejadas* currais-novenses sobre os quais escreve também se fazem presentes, bem como aquelas que dizem respeito aos demais eventos e sujeitos incluídos em *Retoques da História de Currais Novos*. Entende-se que isso sugere uma influência de sua vivência pessoal também na escolha dos temas.

Tal valorização da fonte oral soma-se à do documento escrito, embora seja possível observar algumas diferenças no modo de conceber esses dois tipos de fonte para a pesquisa histórica. Alves menciona admirar os arquivos de cartórios, jornais e igrejas, e em alguns momentos chega a julgar importante apresentar transcrições de determinados documentos no próprio corpo do texto, aparentando haver a intenção de que as informações neles apresentadas confirmem legitimidade às suas afirmações. Os termos “provas irrefutáveis” e “incontestáveis” são utilizados para referir-se a esse tipo de fonte em alguns momentos, especialmente em *Retoques da História de Currais Novos*.

Uma passagem de *Matutos e Tropeiros* chama a atenção quanto ao modo como Alves confronta as fontes escritas e orais: ao investigar qual teria sido o primeiro

jumento a chegar ao Seridó potiguar e como o fato havia se dado, recorda o que ouvira dos “antigos” quando criança e, a partir daquela informação, a qual considera inicialmente “estória do trancoso”, parte para a pesquisa em outras fontes orais a fim de averiguar a informação. Nota algumas pequenas diferenças nas versões ouvidas, mas todas confirmam o fato principal. Todavia, o autor alega ter permanecido ainda inquieto, duvidando da veracidade da informação. Quando consegue ter acesso ao inventário do suposto dono do animal, o autor encontra dados que correspondem àquilo que escutara nos depoimentos das pessoas consultadas e só então se mostra satisfeito, dando total credibilidade ao documento escrito. O fato, após ser “comprovado” pelo inventário, vira para ele “história mesmo, verdadeira” (ALVES, 1989, p. 31). Sobre as diferenças que encontra nos relatos, afirma acreditar que cada vez que a história é contada, é também enfeitada.

São encontrados indícios de uso do método dedutivo, especialmente no tocante à fonte oral, quando o autor analisa as versões apresentadas a fim de encontrar a que lhe parece “a mais certa” (ALVES, 1985, p. 163). No entanto, algo curioso é observado em relação à forma de conferir legitimidade aos depoimentos: em *Matutos e Tropeiros*, no já mencionado episódio da investigação em relação à chegada do jumento ao Seridó, demonstra desconfiança e só se satisfaz com a confirmação através do documento escrito; já em *Retoques da História de Currais Novos*, em um determinado momento, o autor dá crédito à fala de um colaborador no qual parece confiar, sugerindo tratar-se de alguém que não mente.

“João Bezerra, por exemplo: que de todos os guardadores da história de Currais Novos, com os quais conversei, era ele a enciclopédia viva, não havia assunto sobre a história de Currais Novos que João Bezerra não conhecesse e com detalhes que só ele sabia. Há quem diga que ele criava ou inventava, o que eu não acho fácil, porque história se aumenta, mas, não se inventa, segundo João Bezerra.” (ALVES, 1985 p.22)

Se Celestino Alves demonstra desconfianças em determinados momentos para com a fonte oral, pelo menos a depender do “sacrário humano” consultado, o mesmo não ocorre em relação ao documento escrito. Do mesmo modo que ressalta a importância dos depoimentos, o faz em relação a este outro tipo de fonte, mas o que é

perceptível em várias passagens dos livros é a atribuição de legitimidade com ausência de crítica ao que se encontra na documentação escrita, em especial naquelas provenientes de instituições oficiais. Para ele, se está escrito, é verdade. E a verdade parece ser o objetivo a ser alcançado através de suas pesquisas, algo que se mostra muito forte em *Retoques da História de Currais Novos*, livro que busca, como sugere o título, “retocar” a história do município. Porém, é possível notar que o objetivo não se aplica aos momentos em que relata alguma “estória que o povo conta” (ALVES, 1989, p. 121), o que é muito frequente em *Matutos e Tropeiros*. Nesse caso, o objetivo de Alves parece ser o de livrar essas “estórias” do esquecimento, registrando-as por escrito. Tratam-se em sua maioria de crenças populares e episódios que teriam acontecido com as personagens mencionadas ao longo da obra, personagens essas que ele também parece desejar impedir que sejam esquecidas. Para cumprir tal objetivo, recorre à sua própria memória e à fonte oral.

ASPECTOS DA ESCRITA

No que concerne à escrita, nos três livros é possível observar a predominância de um tom de informalidade, no qual o autor parece tentar estabelecer um diálogo direto com o leitor. Celestino Alves organiza sua narrativa em primeira pessoa, inserindo-se diretamente no texto. As falas dos colaboradores são apresentadas, em geral, por meio do discurso indireto, como se Alves comentasse com alguém informalmente sobre suas conversas com os “sacrários humanos”.

O tipo de linguagem utilizada pelo autor é comentado especialmente em *Matutos e Tropeiros*, onde ele justifica sua intenção ao adotá-la, afirmando fazer questão de escrever termos que não existem na língua formal, além de criticar os que desconsideram a linguagem popular (ALVES, 1989, p. 40). Também comenta Umberto Peregrino, autor da apresentação do livro: “o leitor comum se deliciará do começo ao fim” (ALVES, 1989, p. 5). *Matutos e Tropeiros* também é marcado pela presença de um conteúdo de tom humorístico, quando o autor registra algumas situações engraçadas relacionadas aos sujeitos de quem trata. Parece ser uma obra pensada não apenas para

fins de divulgação de um conhecimento histórico, mas também para uma leitura “de lazer”, visando alcançar o leitor comum.

Os temas abordados por Celestino Alves reivindicam um lugar na escrita da história para sujeitos não discutidos pela historiografia acadêmica. Isso se dá especialmente no caso de *Vaqueiros e Vaquejadas* e *Matutos e Tropeiros*. Em *Retosques da História de Currais Novos*, observa-se a reprodução de um padrão apontado por Neves (1997, p. 24) na escrita da História Local: a menção a cidadãos ilustres e cronologia das administrações municipais, embora os “retosques” feitos pelo autor acabem por incluir outras pessoas que ele considera terem marcado a história currais-novense, a exemplo do vendedor Seu Galvão, “(...) um homem que marcou época na nossa história, tanto pela maneira como atendia os fregueses, quanto pelo seu jeitão sistemático de tratar as pessoas” (ALVES, 1985, p, 215). É possível constatar outro exemplo em relação a um professor de nome Chico Rosa que, na visão de Celestino Alves: “(...) foi um homem por demais merecedor de destaque na nossa história, porque foi professor mais de 50 anos. Na Zona Rural do município de Currais Novos ensinou muitos filhos desta terra que cursaram faculdades e foram pessoas de destaque” (ALVES, 1985, p. 229).

A partir dessas informações, a pesquisa tem sido direcionada a trabalhar com a ideia de que a linguagem utilizada pelo autor e os temas abordados podem ser vistos como dois fatores que colaboraram para a repercussão positiva das obras, uma vez que contribuem para atingir um público não habituado ao contato com a formalidade da escrita acadêmica, além da identificação pessoal com os assuntos tratados nos livros. Todavia, considera-se que a ampla divulgação do lançamento de sua produção também pode constituir um fator para tal. Sendo Celestino Alves ligado a pessoas influentes, é possível que seu lugar social tenha colaborado para o interesse em se divulgar amplamente seu trabalho.

CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: ALGUMAS PERCEPÇÕES

Esta análise considera importante levar em conta que identificar as noções de história e memória do autor constitui uma tarefa complexa. Isso porque ao contrário de acadêmicos, que costumemente apresentam seu aporte teórico e metodológico de maneira objetiva, normalmente deixando claro com quais correntes teóricas trabalham, Celestino Alves não o faz por duas razões: tanto por não haver necessidade – já que não está inserido em um contexto onde isso lhe é cobrado –, quanto pelo fato de certamente não ter acesso às discussões dadas no âmbito acadêmico no que se refere teoria e metodologia da pesquisa histórica. Assim, o caminho encontrado para identificar suas concepções em relação a esses conceitos também passa por buscar suas influências e observar o que indicam seu modo de trabalho e sua escrita.

Celestino Alves parece ter sido influenciado pelo também potiguar Luís da Câmara Cascudo. Uma notícia do *Diário de Natal*, datada de 12 de fevereiro de 1988, traz um elogio proferido por ele para referir-se ao “Mestre”: “Um gênio do Século Vinte”. São encontradas menções que indicam o contato com a obra deste autor tanto em *Vaqueiros e Vaquejadas* (ALVES, 1986, p. 13) como em *Matutos e Tropeiros* (ALVES, 1989, p. 139). A produção de Câmara Cascudo conta com a intervenção da memória do próprio autor na escrita, a “estratégia do testemunho” (TORQUATO, 2009, p. 5), o que pode ter contribuído para que Alves, admirador do escritor, considerasse pertinente fazer o mesmo. Macedo (2017, p. 72) comenta a tendência de que esses historiadores não acadêmicos não vejam problema em utilizarem suas próprias memórias como fonte balizadoras de seus livros. Assim, conforme Silvio Correa (2002, p. 14), as lembranças de um passado do qual o autor é testemunha servem como “provas”.

É possível que a produção cascudiana tenha se somado ao apreço de Alves pelos assuntos relacionados à sua terra natal e, assim, constituído motivações para se debruçar sobre a história local, já que nas três obras analisadas ele escreve sobre muitas pessoas que conhecia e episódios dos quais chegou a fazer parte. Nota-se, inclusive, a presença de certo saudosismo em relação a esse passado que faz parte de suas próprias lembranças pessoais. Este aspecto se relaciona com o que afirma Sandra Cristina Donner (2012), sobre muitas pessoas se interessarem pela história local por “razões

nostálgicas”. Assim, “para elas, conhecer e pesquisar sua história traz um sentido de pertença, de lugar no mundo” (DONNER, 2012, p. 225).

No entanto, entre suas motivações, percebe-se algo a mais que, para os objetivos desta pesquisa, se mostra muito relevante: a inquietação em relação à história “oficial”, isto é, acadêmica. Inquietação no que se refere a esta não abarcar temas/personagens que ele considera relevantes. O livro *Matutos e Tropeiros* apresenta inúmeras demonstrações de suas críticas sobre a falta de atenção por parte dos historiadores com relação à “história dos sertões”, em especial no tocante aos dois ofícios dos quais trata nessa obra que, segundo ele, visa “preservar uma grande página da nossa história, que não foi escrita pelos historiadores” (ALVES, 1989, p. 9). O autor, filho de um homem que exercera a profissão de “matuto”, afirma que seu trabalho é “fruto de um trabalho de pesquisa e da convivência de alguns anos junto aos matutos e aos tropeiros” (ALVES, 1989, p. 9). Afirma desejar que sua contribuição torne-se subsídio para pesquisas futuras sobre a história dos sertões brasileiros, reivindicando o lugar de tais sujeitos na escrita dessa história. Crítica semelhante é observada em *Vaqueiros e Vaquejadas*, quando afirma que pouco tem se escrito sobre os vaqueiros, a quem considera “heróis anônimos” (ALVES, 1986, p. 7).

Também é pertinente observar que o título da obra *Retoques da História de Currais Novos* indica o desejo de apresentar algo novo à história do município. Isso fica nítido em alguns momentos em que apresenta o que considera correções a informações dadas por outros autores que escreveram sobre a história do município, assim como o fato de recorrer às suas memórias sobre os eventos tratados no livro, algo que se reflete também em sua percepção sobre as pessoas que ele considera relevantes para a história da cidade. Vê-se que apesar da recorrente falta de diálogo com trabalhos anteriores observada em obras de historiadores não acadêmicos (MACEDO, 2017, p. 71), este autor tenta estabelecer alguma conexão. Isso é observado através da crítica indireta, como ao dizer que “(...) mais de um escritor já escreveu que Currais Novos em 1937 era uma cidade de sete ruas. Eu acho que eles não pesquisaram a história da cidade para escrever (...)” (ALVES, 1985 p.80), como também por meio da menção aos estudos de

Câmara Cascudo e o que pensa a respeito das afirmações do “Mestre” (ALVES, 1986, p. 13).

Porém, não é pertinente ignorar a reprodução do padrão apontado por Neves (1997, p. 24). Em *Retoques da História de Currais Novos*, a cronologia dos administradores municipais e a listagem de nomes ilustres vêm acompanhadas da exaltação de seus feitos, atribuindo-lhes a responsabilidade por levar a cidade ao progresso. Dos três livros, este é o que apresenta mais semelhanças com uma concepção de história que privilegia os “grandes homens”, uma vez que o passado é revisitado em busca de exemplos a serem seguidos, onde muitos se tratam de pessoas vinculadas ao círculo social do qual o próprio autor era membro. Se em *Vaqueiros e Vaquejadas e Matutos e Tropeiros* existe a reivindicação de lugar para sujeitos esquecidos pela historiografia acadêmica, em *Retoques da História de Currais Novos* predomina o reforço dos nomes ilustres, embora haja a tentativa de destacar outros currais-novenses como pessoas importantes para a história da cidade.

As fontes e operações metodológicas, conforme descrito, mostram que apesar da valorização da fonte oral, há também uma importância especial dada ao documento escrito. O autor parece recorrer à oralidade quando não é possível acessar alguma informação através de documentos escritos provenientes de instituições oficiais. Além da provável influência cascudiana, ao se pensar no contexto no qual o autor nasceu, isto é, na zona rural, habituado a ouvir as histórias contadas pelos “sacrários humanos” – dentre eles, o próprio pai, segundo afirma em *Retoques da História de Currais Novos* –, é possível pensar que esse contexto pode constituir um fator de influência para sua valorização dos testemunhos orais na pesquisa histórica. Todavia, o século XX é marcado pela fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), ocorrida em 1902. Esta instituição foi pensada para reunir documentação referente ao estado, estando vinculada à necessidade de se arquivar documentos referentes às questões históricas e geográficas do Rio Grande do Norte (MENEZES 1998 apud RODRIGUES; RIBEIRO, 2006, p.12). Desse modo, é possível cogitar também que o autor tenha sido influenciado pelas práticas do Instituto, passando a valorizar o documento escrito enquanto uma fonte confiável, ao passo que reconhece a

existência de versões divergentes na oralidade. Uma vez que a verdade parece ser o objetivo de sua escrita – com exceção relevante das páginas de *Matutos e Tropiceros* dedicadas ao registro de “estórias que o povo conta”, com aparente intuito de preservá-las do esquecimento –, essas “provas irrefutáveis” são privilegiadas por lhe proporcionarem, no ponto de vista do autor, o alcance de informações verídicas.

Desse modo, os pontos acima descritos tem direcionado a pesquisa a identificar alguns elementos que parecem compor as concepções de história e memória de Alves, não sendo possível ainda apresentar uma conclusão clara sobre elas. Quanto à história, são: a busca pela verdade, especialmente através do documento escrito; a escrita da história como um meio de preservar do esquecimento sujeitos e temas considerados relevantes, além da inconformidade com a não inclusão de determinados sujeitos na historiografia acadêmica. Quanto à sua ideia de memória, observa-se a valorização da memória individual enquanto dado válido para a pesquisa histórica – de terceiros e a sua própria –, embora acompanhada de uma complexa forma de lidar com a fonte oral; é possível pensar também que o autor compreende a memória quanto uma demanda da História, isto é, visando contribuir, por meio de sua obra, para a difusão de uma memória na qual haja lugar para os sujeitos e temas considerados importantes para ele.

Ao identificar tais elementos na obra de Celestino Alves, é possível observar uma relação entre sua produção e as considerações de alguns autores. Pollak (1989), em famosa publicação sobre o “enquadramento da memória”, destaca que a escrita da história pode ser utilizada como forma de se impor uma memória coletiva que atenda aos interesses de grupos que se encontram no poder. Ao considerar a relação entre a publicação de *Retoques da História de Currais Novos* e a prefeitura municipal, nota-se que o enaltecimento do então prefeito, além de outros cidadãos ilustres ligados à política local, certamente não se dão por acaso. Conforme Donner (2012, p. 226), na escrita da História Local é possível observar uma necessidade de “monumentalizar, ou patrimonializar o passado”, algo comumente vinculado a “políticas da memória empreendidas pela mídia, pelo poder público”. Catroga (2015) destaca o interesse em se moldar a memória, onde a historiografia assume um papel relevante, já que ela:

“(…) também funciona como fonte produtora (e legitimadora) de memórias e tradições, chegando mesmo fornecer credibilidade científica a novos mitos de (re)fundação de grupos e da própria nação (reinvenção e sacralização das origens e de momentos de grandeza, simbolizados em ‘heróis’ individuais e coletivos.” (CATROGA, 2015, p.73)

Observada a crítica de Celestino Alves aos silêncios e esquecimentos da historiografia acadêmica para com sujeitos como os vaqueiros, os matutos, os tropeiros além de outras pessoas não pertencentes às elites dominantes mencionadas em sua produção, infere-se que suas noções de história e memória vão além de um vínculo com “políticas da memória” – para usar o termo observado em Donner (2012) – relacionadas ao círculo político do qual o autor fazia parte. Alves parece atentar, de certa forma, ao que lembra Le Goff (1990, p. 426): “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. E o autor parece desejar livrar do esquecimento essas personagens por ele consideradas relevantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer acerca dos primeiros apontamentos possibilitados pelo trabalho de análise da escrita de Celestino Alves, o artigo buscou esboçar um primeiro esforço de compreensão em relação às ideias de história e memória implícitas na obra deste autor, evidenciando a complexidade destas. Com isso, buscou também situar o leitor quanto aos rumos para os quais a referida pesquisa tem sido direcionada. Em suma, a partir dos pontos elencados, torna-se possível notar que, apesar de reproduzir algumas características comumente observadas na escrita de historiadores não acadêmicos, Alves também apresenta algumas distinções em relação a essas tendências.

Assim, a continuidade desta análise seguirá perseguindo o objetivo de compreender em maior profundidade o que os pontos por ora observados têm a dizer sobre a forma como esse autor concebe a história e a memória, além de buscar identificar outros elementos, atentando inclusive a outras possíveis influências quanto ao modo de Celestino Alves produzir história.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajetos**: Revista de História da UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p.1-27, 2005. Disponível em: <http://www.revistatrajetos.ufc.br/index.php/Trajetos/article/view/96>. Acesso em: 20 mar. 2019.

ALVES, Celestino. **Retoques da História de Currais Novos**. Natal: Fundação José Augusto, 1985. 275 p.

ALVES, Celestino. **Vaqueiros e Vaquejadas**. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1986. 175 p.

ALVES, Celestino. **Matutos e Tropeiros**. Brasília: Gráfica do Senado, 1989. 166 p.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015. 100 p.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. *In*: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 348 p.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. História Local e seu devir historiográfico. **Métis**: história e cultura, v. 2, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2002.

DOMINGUES, Viviane Pedroso. A escrita da história por memorialistas do interior paulista: as concepções de história, memória histórica e tempo histórico nas obras de Aluísio de Almeida e Nardy Filho. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA, 2, 2008, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: Edufop, 2008. p. 1 - 10.

DONNER, Sandra. Cristina. História local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 11, 2012, Rio Grande. **Anais [...]**. Rio Grande: Anpuh-RS, 2012. p. 223 – 235.

GOUBERT, Pierre. História Local. **Arrabaldes**, Petrópolis, v. 1, n. 1, p.69-82, mai./ago. 1988.

HARTOG, François. **Evidência da História**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 286 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 504 p.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. De como se constrói uma História Local: aspectos da produção e da utilização no ensino de História. *In*: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato

Araújo da (Org.). **Reflexões Sobre História Local e Produção de Material Didático**. Natal: Edufrn, 2017. p. 57-81. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23433>. Acesso em: 18 mar. 2019.

NEVES, Joana. História Local e Construção da Identidade Social. **Saeculum**, João Pessoa, v. 1, n. 3, p.13-27, jan./dez. 1997.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, jan./jun. 1989.

RODRIGUES, Allan da Silva; RIBEIRO, Iza Paula Zacarias. O jornal A República e o IHGRN: espaços de recepção e reprodução das ideias elitistas estaduais. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RN: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E ENSINO, 2, 2006, Caicó. **Anais [...]**. Caicó: Anpuh-RN, 2006. p. 11 - 19.

ROVARON, Carlos Eduardo. A utilização de memorialistas como fonte de pesquisa alternativa para acompanhar processos de ocupação. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 18, 2006, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Unesp, 2006. p. 1 - 9.

SANTOS, Jackson Novaes. Vestígios do “lugar social” na escrita dos memorialistas. Disponível em: <http://jacksonnovaes.com.br/vestigios-do-lugar-social-na-escrita-dos-memorialistas/>. Acesso: 15 de Maio de 2017.

TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. Estabelecendo fronteiras: de como se estabelece as práticas eruditas e intelectuais na historiografia brasileira nas décadas de 1930-1940. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA: APRENDER COM A HISTÓRIA? 3, 2009, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: Edufop, 2009. p. 1 – 10.